

**INTRODUÇÃO AO DEBATE ENTRE MISTICISMO, RELIGIÃO, FILOSOFIA E
CIÊNCIA PELA PERSPECTIVA DA IDEOLOGIA E DA OPRESSÃO NA OBRA DE
BERTRAND RUSSELL**

**INTRODUCTION TO THE DEBATE BETWEEN MYSTICISM, RELIGION,
PHILOSOPHY AND SCIENCE FROM THE PERSPECTIVE OF IDEOLOGY AND
OPPRESSION IN THE WORK OF BERTRAND RUSSELL**

Jairo Demm Junkes¹

Brianna Elisabeth da Cruz²

RESUMO

Este artigo tem o posicionamento de evidenciar a trajetória científica em relação à filosofia e seu encontro religioso ao longo da evolução humana. Uma vez que apresentados suas complexidades e relevâncias, os extremos entre a ciência e o misticismo tendem a se contrastar. Deste modo, fez-se imprescindível a análise das fundamentações teológicas e lógicas relacionadas ao comportamento dogmático ao longo da humanidade e a posição que a filosofia submeteu-se perante a estes contextos. Pois sob a perspectiva do pensador britânico Bertrand Russell (1872-1970), dito como cético e grande apreciador da ciência lógica, encontra-se um debate de cunho filosófico para a construção da entidade religiosa e para a ciência relevante ao mundo moderno. As posições ideológicas de Russell agregam um debate instigante de compreender a arbitrariedade religiosa em refutação da ciência e da filosofia, a fim de tencionar uma realidade ética e moral em que as tendências ideológicas não sejam submetidas à outra, e sim cooperem em suas respectivas maneiras para o entendimento da vida humana.

Palavras-chave: Filosofia. História da Filosofia. Misticismo. Religião. Ciência.

¹Formado em História - FURB (2008), Filosofia - UFSC (2017), Teologia - FAERPI (2017) e especialização em Cultura Afro-Brasileira pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá (2009). Doutor em Filosofia (Convalidação de Título pela Unisinos), professor efetivo na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, e Docente do Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI). Santa Catarina. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7561-1090> E-mail: demmobr@gmail.com

²Graduação em andamento em Filosofia no Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Santa Catarina. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0787-4109>. E-mail: brianna168@hotmail.com.

ABSTRACT

This article has the positioning to point the scientific path in relation to philosophy and its religious encounter throughout human evolution. Once submitted its complexities and relevances, the extremes between science and mysticism has the approach to contrast. This way, it is essential to analyse the logical and theological foundations related to dogmatic behavior throughout humanity and the position that philosophy subordinated towards these contexts. In the perspective of the british thinker Bertrand Russell (1872-1970), said as cetic and a great fond of logic science, found a debate of philosophical nature for the making of a religious entity and for the science applicable to the modern world. The ideological positions of Russell aggregate an incendiary debate to understand he religious arbitrariness in refutation of science and philosophy, in order to attend an ethical and moral reality in which the ideological tendencies do not be submitted to each other, and this way cooperate in the respectives ways for the meaning of the human life.

Keywords: Philosophy. History of Philosophy. Mysticism. Religion. Science.

1 INTRODUÇÃO

Visto que a partir dos anos modernos, a questão religiosa tornou-se parte de um grande debate relacionado à opressão e submissão, desta forma, dado não apenas a influência em seus fiéis seguidores, conquanto, esta hierarquia projeta uma composição de relações sociais em conjunto perante a convivência em sociedade e suas convenções. Portanto, a fim de entender o quesito despótico do misticismo (sobretudo do Cristianismo), que intervém no estilo de vida, e de pensamento ao longo das gerações humanas desde o seu surgimento, compete uma análise a problematização a maneira autoritária e dogmática que as religiões, em especial o Cristianismo, sucederam perante toda sua existência e domínio.

Concedendo assim, o delineamento sobre as condições subservientes que a crença ao misticismo desenrolou através da trajetória humana. Com o intuito de evidenciar os conceitos que a natureza lógica e a ciência conseguiram evoluir precisamente com enfoque no decaimento da doutrina absolutista católica, na qual iluminou uma geração de pensamentos e ideologias responsáveis futuramente de uma nova visão de mundo redescoberta para a ciência, afetando de vez as sociedades modernas e posteriores com o enriquecimento da educação. Deste modo, tende-se a percorrer a expectativa científica como abordagem filosófica, já

que na lógica encontram-se resultados notórios que contemplam a réplica contrastante aos dogmas doutrinadores do misticismo.

Como base de argumentação ao traçar esta jornada doutrinadora pelos feitos cristãos, utiliza-se de fundamento as obras do conceituado filósofo inglês do século XX, Bertrand Russell (1872-1970). Este conta com um longo desenvolvimento intelectual perante a sua vida, em que lhe concedeu um Nobel de Literatura em 1950, e uma avantajada coletânea de publicações em que sempre defendeu a liberdade acadêmica, bem com a educação estoíca, a fim de proporcionar uma evolução humana em sua época. Além de filósofo, Russell do mesmo modo fora considerado um grande matemático, tal qual se identifica a similaridade com a lógica e a ciência, agregando suas habilidades em seus escritos filosóficos.

Justamente que o pensador estudado apresenta domínio matemático e filosófico, compreende-se o entusiasmo de Bertrand pelas ciências e pelo estímulo racional, uma vez que o mesmo compadece da arbitrariedade religiosa sob os avanços científicos do passado, em que a humanidade, segundo ele, poderia ter alcançado ascendência há tempos, se não fosse pela repressão cristã. Deste jeito, acarretou-se na submissão do ser humano de maneira prevalentemente intelectual aos dogmas designados pelo regime dominante. Bem como os tantos outros feitos que determinassem um atraso de forma educacional, étnico, de gênero, e propriamente de expressão na sociedade.

O pensador britânico foi muito criticado pela exposição de suas ideologias cétricas e suas publicações de artigos e textos subversivos sobre as práticas religiosas. Chegando até mesmo a interferir em sua carreira profissional como docente. Este fato, o fez sentir-se mais indignado com as repressões e poderios cristãos, que mesmo no século XX, no auge da modernidade, as doutrinas religiosas determinaram comandos autocratas contra uma ideologia em oposição, em que comprovaram sua tirânica posição perante as ideias alheias até os tempos recentes. Dito isto, dialoga-se a compreensão do ceticismo de Russell e sua afável diligência pela ciência e pela verdade.

Este artigo apresenta um percurso ao longo da História da Filosofia em que pontualmente caracteriza a condição religiosa que em soberania, ou reflexo de seu poderio, comanda as relações ideológicas. A fim de salientar conceitos russellianos e seu discernimento sob o poder místico e as relações pessoais, como estruturar a

jornada filosófica em condições submetidas através das obras de Bertrand Russell. Além da concepção de arbitrariedade imposta pelo Cristianismo, entende-se também, a necessidade de pontuar as questões dualísticas de bem e mal, em que a Igreja permanece sua intrínseca estruturação de poder embasada neste contraste.

2 PENSAMENTO TEOLÓGICO E LÓGICO SOB A PERSPECTIVA RUSSELLIANA

Projetar um estudo sobre misticismo através dos pensamentos de Russell traz várias interpretações grandiosas de conceptualização de algo tão convencional como a religiosidade. Como afirma Junkes (2018, p. 43) “as ideias do autor agregam conflitos intrigantes, considerando o fato de que sua maior crença mística fora na matemática, do mesmo modo que ficara conhecido por sua impetuosa negativa aos dogmas religiosos”. Portanto, já se espera uma pré-determinada postura diante de seus escritos de cunho místicos. A fim de dialogar sobre uma condicionalidade da concepção lógica e teológica, o autor apresenta certamente profundas indagações a este respeito em suas obras, a fim de emanar uma consciência crítica sobre as convenções dogmáticas impelidas na sociedade.

O fato de que a humanidade sempre sentiu necessidade de se entender e buscar suas razões de existência é genuíno. Conseqüentemente a esta ânsia, projeta-se a idealização do mundo através do pensamento, em que se toma por uma das pioneiras formas de se entender a vida (RUSSELL, 1957). Este anseio esteve sempre presente no raciocínio humano, com o intuito de desvendar os mistérios da vida. Segundo Do Valle (2016, p. 24):

Ademais, existe um elemento que se deve sobrelevar neste exame russelliano, que é precisamente onde se fundamenta a complementaridade entre o misticismo e a perspectiva científica enunciada por Russell: trata-se, com efeito, do lugar de que emergem a ciência e a religião. Se recorrermos à historiografia da ciência e das religiões, verificamos sem muita dificuldade que ambas emergem a partir das mesmas perguntas, dos mesmos medos e angústias. Compreender os fenômenos naturais, descobrir a origem dos planetas, do universo, e da vida nestes planetas, examinar quais têm sido as finalidades da existência [...] (DO VALLE, 2016, p. 24).

Ainda que esta concepção possa desenvolver impulsos divergentes, a fim de provocar uma possível divisão da raça humana entre o misticismo ou a ciência. Ambas as vertentes de pensamento correspondem ao desejo de compreensão

sobre a incógnita do universo, independente do caminho de cognição que se tenha acompanhado. Por sua vez, “Russell diria que ambas, ciência e religião, aparentemente antitéticas são alimentadas por uma necessidade de responder às mesmas questões” (DO VALLE, 2016, p. 24), já que o impulso primordial de ambas apenas difere-se “à medida que diferem metodologicamente na tentativa de solucionar angústias muito similares em essência, não podem existir motivos para enaltecer ciência em detrimento de religião, ou o inverso” (DO VALLE, 2016, p. 22-23).

Segundo Russell (1957) “o misticismo é pouco mais do que certa intensidade e profundidade de sentimento em relação ao que se crê sobre o universo”. É possível afirmar que a inquietude da alma, ou seja, os anseios de veracidade sobre o mundo conseguem ser amparados pelos anseios místicos. Deste modo, o autor confirma que há grandes personalidades que conseguiram se engendrar apenas seguindo a vertente religiosa. Entretanto, a ciência também foi um caminho para o engrandecimento. Mesmo que suas conquistas foram tardias ou repudiadas por ideologias cristãs, a ciência, depois de muita repressão, também se consolidou eminentemente como uma das melhores formas de entender o universo.

Compelir um vínculo sobre a influência tanto do misticismo, quanto da lógica parte da indução dualista entre ambos em que a humanidade se escora no impulso de apenas uma vertente para explicação e conhecimento da vida. Mesmo que os filósofos careçam de uma articulação da ciência com o misticismo, pode-se suscitar para muitos a compreensão de que a filosofia seja maior que a ciência ou a religião (RUSSELL, 1957). Portanto, considerar a superioridade da filosofia dentre as outras linhas de entendimento requer a conceptualização de falhas das mesmas. Assim como aponta o autor, “a ciência diz-nos o que podemos saber, mas o que podemos saber e muito pouco e, se esquecermos de quanto nos é impossível saber, tornamo-nos insensíveis a muitas coisas sumamente importantes” (RUSSELL, 1977, p. 3).

Em relação ao misticismo, estabelece que “a teologia, por outro lado, nos induz à crença dogmática de que temos conhecimento de coisas que, na realidade, ignoramos e, por isso, gera uma espécie de insolência impertinente com respeito ao universo” (RUSSELL, 1977, p. 3). Por vez, a doutrinação teológica pode influenciar em uma espécie de sensação confortadora que deleita os sentimentos angustiosos de seus devotos. A ideologia reconfortante que parte do misticismo pode ser um

apoio para suportar o mundo real, entretanto ao render-se a uma doutrina pode condicionar-se a certa alienação. Assim anuncia o autor “as pessoas aceitavam toda uma série de crenças estabelecida com grande precisão, e acreditavam, com toda a força de suas convicções, em cada sílaba de tais crenças.” (RUSSELL, 1972, p. 9).

Uma perspectiva voltada aos teoremas da ciência e do universo não vem a ser questionada pelo conhecimento religioso, estimulando, muitas vezes, a imprecisão. A partir da crença em um dogma confortador, que não inspira a impertinência racional de indagar as origens do universo e da vida, pode adestrar uma comodidade, que por sua vez, conduz a esperteza e a predominância de verdades que seus subjugados têm a adquirir. De contraponto, a filosofia intervém com a notoriedade ao amparar os questionamentos humanos sem levar à incerteza e insegurança aqueles que a seguem, e sim manifestar estímulos puros de questionamentos racionais (RUSSELL, 1977).

Segundo Russell (1977) “ensinar a viver sem essa segurança e sem que se fique, não obstante, paralisado pela hesitação, é talvez a coisa principal que a filosofia, em nossa época, pode proporcionar àqueles que a estudam”. A mais eficaz ciência que provém à estabilidade e acalma os anseios humanos, sem que lhe converta a uma doutrinação, é a filosofia. Ainda que haja muitos filósofos católicos que não compactuam com a ideologia de Russell, pode-se ponderar que todos os outros não doutrinados pensam como ele. Mesmo havendo uma série de pensamento escolástico, que nada mais é do que a filosofia oprimida aos moldes cristãos, não se consegue debater a linearidade entre religião e filosofia sem constatar o grande contraste entre ambas.

3 A REPRODUÇÃO OPRESSIVA DO MISTICISMO EM VISTA DA CIÊNCIA E DA FILOSOFIA

É de longa data que se percebe a influência mística na sociedade, interferindo nas formas de pensamento, no campo científico e na história da filosofia. Percebe-se o conflito científico e religioso ao longo da linha do tempo moderna, caracterizando disputas de polarização e antiéticas anulações de cada extremo para com outro. Como destaca Russell, “entre a teologia e a ciência existe uma Terra de Ninguém” (RUSSELL, 1977, p. 1). Há um vasto discernimento que distingue a teologia da

ciência, afetando muitas vezes a filosofia. Permeiar uma correlação de adversidades ao longo da história, com influências russellianas que provocam o entendimento de extremos entre o misticismo e a lógica, resulta em uma melhor compreensão da abordagem entre os dois.

No decurso da história, concebe-se o ofuscar da filosofia pelo misticismo, e vice e versa dentre momentos da humanidade. Embora “a interferência da instituição religiosa tem grande influência na sociedade e pode ser considerada uma das mais influentes formas de manter o homem subjugado na sociedade dos séculos XIX e XX” (JUNKES, 2018, p. 41). Antes mesmo de Cristo, a filosofia surgiu na Grécia como um modo de reflexão da vida e este período “é dominado por uma devoção religiosa e patriótica à Cidade” (RUSSELL, 1977, p. 4). A coesão social que os gregos se comprometeram na época foi: ser fiéis ao Estado-Cidade; já que suas autonomias bastavam aos deveres para com a pólis. Até que com o surgimento do Cristianismo, a filosofia foi submetida a seguir aos formalismos da teologia até o período da Idade Média. Esta transição foi descrita por Russell tal como:

Durante esse longo período, as ideias gregas herdadas da época da liberdade sofreram um processo gradual de transformação. Algumas das velhas ideias, principalmente aquelas que deveríamos encarar como especificamente religiosas, adquiriram uma importância relativa; outras, mais racionalistas, foram abandonadas, pois não mais se ajustavam ao espírito da época. Desse modo, os pagãos posteriores foram se adaptando à tradição grega, até esta poder incorporar-se na doutrina cristã. O Cristianismo popularizou uma ideia importante [...] isto é, a ideia de que o dever do homem para com Deus é mais imperativo do que o seu dever para com o Estado (RUSSELL, 1977, p. 5).

Sintetizando a dominação católica pela análise de Russell, considera-se que “na época de seu maior poder, foi ainda mais longe, em sua oposição à vida intelectual” (RUSSELL, 1972, p. 27). Após a dominação cristã no Império, consegue-se perceber as grandes mudanças no jeito de se viver que esta começara a praticar. “A Igreja representava, ao mesmo tempo, continuidade com o passado e com o que havia de mais civilizado no presente” (RUSSELL, 1977, p. 7). Tais mudanças afetaram também o ensino, já que a Igreja mantinha quase toda a posse da educação, tornando-a tradicionalmente clássica e fomentada de ideologias a seu favor.

A Igreja foi a maior causa da derrocada da educação e do pensamento durante a Idade Média. A submissão de seus fiéis era o grande trunfo de sua ideologia amedrontadora e doutrinadora. Uma vez que todo o conhecimento bastasse em seu poder, o controle do que a população poderia ter como conhecimento era manipulado. Russell explicitou este feito declarando “a Igreja não mais afirma que o conhecimento, em si, seja pecado, embora o haja feito em suas épocas de triunfo; mas a aquisição do conhecimento. Um plano educacional destinado a eliminar o medo não é, de modo algum, difícil de criar-se”. (RUSSELL, 1972, p. 31).

Segundo o autor (1972) “a religião, tendo a sua origem no terror, dignifica certas espécies de medo, fazendo com que não sejam encaradas como coisas vergonhosas. Nisso, prestou à humanidade um grande desserviço, pois que todo medo é um mal”. A partir do momento em que as informações são controladas, os indivíduos passam a sucumbir aos anseios da entidade de maior poder. Enquanto a religião fosse a única detentora da verdade, dado que o raciocínio não era fomentado, as pessoas tomariam como verdade ímpar e temeriam se adversar à ela. Amedrontar seus fiéis foi a forma mais prática que o dogmatismo místico encontrou para permanecer no poder sem que fosse julgado sua credibilidade. Como Russell mesmo aponta:

O medo constitui a base do dogma religioso, bem como de muitas outras coisas na vida humana. O medo dos seres humanos, individual ou coletivamente, domina grande parte de nossa vida social, mas é o medo da Natureza que faz com que surja a religião (RUSSELL, 1972, p. 35).

Como cita Russell (1972) “a coisa mais importante sobre o Cristianismo, do ponto de vista social e histórico, não é Cristo, mas a Igreja, e, se quisermos considerar o Cristianismo como uma força social, não é nos Evangelhos que devemos procurar o nosso material”. Analisando a religião como um fenômeno social, consegue-se delinear um comportamento em que a Instituição Igreja desempenha. Ao se estabelecer de um poder a fim de utilizar suas autoridades para seu próprio benefício, “pois que sua função consiste em expor uma verdade imutável, revelada uma vez por todas em sua suprema perfeição, de modo que se tomam, necessariamente, adversários de todo progresso intelectual e moral”. (RUSSELL, 1972, p. 20-21).

A Idade Média como conhecida por todos é descrita como uma era obscura e tendenciosa, afinal a Igreja tomava parte de metade das convenções da época, e do outro lado era o Estado que comandava a vida da população. A liberdade intelectual, de expressão e de moldes de vida estava longe de ser uma grande causa, já que a maioria das civilizações ocidentais permanecia doutrinada a crença cristã. Até mesmo a filosofia manifestada daquele período não acompanhava com muita exatidão os pensamentos da Igreja, embora seguissem “apenas o pensamento de um grupo” (RUSSELL, 1977, p. 8). A filosofia escolástica que percorreu a época permaneceu na articulação de uma logicidade racional e religiosa, sem resultar muitas hesitações ao dogmatismo teológico.

Dentre os filósofos medievais, consideram-se os grandes pensadores que em meio à sombria demarcação religiosa, conseguiram contemplar a filosofia papal e fomentar questões racionais em seu meio. No entanto, com a queda da doutrinação religiosa, chega o fim deste pensamento convertido. Podendo ser notado pelo avanço do filósofo “Dante, [...] conseguiu chegar a uma síntese, oferecendo a única exposição equilibrada de todo o mundo ideológico medieval. Depois de Dante, tanto por motivos políticos como intelectuais, a síntese filosófica medieval se desmoronou” (RUSSELL, 1977, p. 8). Deste modo a doutrina católica cristã enfraqueceu enfrentando a manifestação da Reforma Protestante, dando fim “a teoria escolástica de governo que girava em torno do Papa” (RUSSELL, 1977, p. 9).

Como escreveu Russell (1977) “No período da Renascença, o novo conhecimento, tanto da antiguidade como da superfície da terra, fez com que os homens se cansassem de sistemas, que passaram a ser considerados como prisões mentais”. Em consequência, os avanços intelectuais e de discernimento prosperavam numa nova humanidade, em que a filosofia ganhou força novamente. A libertação do pensamento trouxe uma era de várias criações e produções que elevaram a intelectualidade dos humanos. Assim como a filosofia esteve perpetuando mais reflexões e modos de pensar como na Grécia Antiga. O Renascimento filosófico teve grande influência na política, uma vez que a dominação de poder não estava mais a par da religião.

Ao desvincular-se das leis romanas católicas, muitos países começaram a prestigiar as configurações de poder que poderiam obter sem ter que disputá-lo com

a máxima papal. O financiamento de ideias através dos mecenas trouxe o novo estilo de vida europeu, agora estimulado pela Reforma. Como aponta Russell:

Os protestantes, ao contrário, rejeitaram a Igreja como veículo da revelação divina; a verdade devia ser procurada unicamente na Bíblia, que cada qual podia interpretar à sua maneira. Se os homens diferissem em sua interpretação, não havia nenhuma autoridade designada pela divindade que resolvesse tais divergências. Na prática, o Estado reivindicava o direito que pertencera antes à Igreja - mas isso era uma usurpação. Na teoria protestante, não devia haver nenhum intermediário terreno entre a alma e Deus. (RUSSELL, 1977, p. 11).

Com influência renascentista, a verdade passou a reverberar através do pensamento individual, sem necessidade de submissão ao amedrontamento cristão. Assim como a filosofia libertou-se também da escolástica católica, transformando-se nessa nova era como Russell aponta “havia tantas filosofias quantos eram os filósofos” (RUSSELL, 1977, p. 11). Por este transcrito consegue-se analisar como a filosofia fora capaz de se perpetuar e se reinventar neste momento, com os pensamentos florescendo e a legalização das ideias sem a opressão religiosa que a mantivera estável. Este processo de libertação filosófica foi retratado por Russell como:

O resultado disso, [...] foi um subjetivismo cada vez mais profundo, agindo primeiro como uma libertação saudável da escravidão espiritual, mas caminhando, depois, constantemente, para um isolamento pessoal, contrário à solidez social.

A filosofia moderna começa com Descartes, cuja certeza fundamental é a existência de si mesmo e de seus pensamentos, dos quais o mundo exterior deve ser inferido. (RUSSELL, 1977, p. 12).

Deste modo, desenvolve-se um período já muito conhecido por Russell e nos tempos atuais, em que o poderio da filosofia tornou-se o subjetivismo. A fim de dialogar com as ideias cotidianas do universo “a subjetividade, uma vez desencadeada, já não podia circunscrever-se aos seus limites” (RUSSELL, 1977, p. 13), pois o sentimento subjetivista trouxe a população o empoderamento individual que não havia enquanto dominados pela ideologia cristã. Devido a esta autonomia intelectual, a Era Moderna foi consagrada por escritos e descobertas efervescentes que evoluíram para a humanidade. Segundo Russell:

A filosofia moderna começa com Descartes, cuja certeza fundamental é a existência de si mesmo e de seus pensamentos, dos quais o mundo exterior deve ser inferido. Isso constitui apenas a primeira fase de um desenvolvimento que, passando por Berkeley e Kant, chega a Fichte, para quem tudo era apenas uma emanção do eu. Isso era uma loucura, e, partindo desse extremo, a filosofia tem procurado, desde então, evadir-se para o mundo do senso comum cotidiano (RUSSELL, 1977, p. 12).

Pode-se considerar que para a filosofia, foi na Modernidade em que a mesma alcançou um de seus maiores triunfos desde sua repressão pela Igreja na Idade Média. O pensamento individual fez com que as pessoas voltassem suas ideias para si e as tornassem mais próximas de suas realidades. Por consequência, repercutiu um espírito anarquista em que revelava a incitação da sensibilidade humanas “embora antirreligiosas, encerra ainda muito do espírito do protestantismo primitivo; difere principalmente dele devido ao fato de dirigir contra os governos seculares a hostilidade que Lutero dirigia contra os Papas” (RUSSELL, 1977, p. 12-13).

As reações ao subjetivismo dos tempos modernos ocorreram através da doutrina liberal provocando o estímulo da filosofia do semi-compromisso. Este que acentuou o que veio a se tornar uma doutrinação ao Estado Moderno como a representação do catolicismo feudal. Dessa forma, se inibe uma dicotomia entre as percepções filosóficas a respeito da ciência e da sociedade. Os partidários da disciplina atestam contra a racionalidade e suas técnicas científicas, enquanto os partidários da liberdade dialogam com o pensamento racional e científico se opondo a modelos monárquicos e religiosos (RUSSELL, 1977).

Portanto, equilibrando e avaliando as duas maneiras de raciocinar, é possível compreender que pontos relevantes a serem considerados em ambos referente à coesão social na modernidade ocidental, já que ao se aludir sobre o começo das civilizações nota-se a reprodução cíclica que perpassa pela superstição, a manifestação de um mal a anarquia conduzindo a uma nova tirania. O liberalismo, desse modo, surge como uma tentativa de interromper esse sistema alternativo, embora sua eficácia e eficiência ainda não se corroboraram coerentemente neste período (RUSSELL, 1977).

De fato, a submissão filosófica obteve maior repressão nos tempos medievais, contando com a natureza dogmática da religião cristã em seu maior poderio, a despeito que a mentalidade humana almejasse a resposta mística prometida. Consequente, ao rebelar-se das doutrinas opressivas, a humanidade

continua a almejar o entendimento subjetivo. Percebe-se a discrepância de realidade ao decorrer da iluminação das ideias e o empoderamento da razão enquanto a ideologia teológica se reparte e perde o controle total da dominação. Não obstante, a superioridade parece ao Estado em formas mais aprazíveis que da tirania cristã, moldando as relações Modernas em que a filosofia passasse a reportar a ciência.

4 DUALIDADE DO BEM E MAL NA LÓGICA E NO MISTICISMO

Fomentar uma observação em base dos fundamentos místicos se faz necessário em elucidar o emprego do bem e do mal em tal abordagem. Assim, consegue-se conceber os estímulos que o misticismo embasa em suas doutrinas, a fim de tornar um alicerce desejável e perfeito de um lado, e de outro pregar um mais intimidador e desagradável. Enquanto o Cristianismo continuar a enaltecer as conveniências de seus valores para controle de seu próprio favorecimento, e em consequência, demonizar aquelas que não se alinham às suas coerções, haverá por muito tempo o clássico conflito da dualidade entre o certo e o errado à vista das condições teológicas.

As considerações de Russell para a lógica do bem e do mal demonstram o quanto o misticismo alcança os padrões de convivência humana. Em busca da plenitude divina, submetem seus seguidores a almejar um paraíso perfeito e livre de todo o mal. Na qual só poderá usufruí-lo após passar pelo mundo terrestre e profano. A perfeição não se encontra no mesmo universo em que os cristãos o habitam, por isso, precisam crer na Realidade posterior bela e sensata que o esperam assim que concluírem suas ações em vida. Ações estas que os dogmas religiosos estipulam de modo a conduzir um estereótipo convencional, que por meio desta, cultiva a submissão das pessoas na Terra (RUSSELL, 1957).

Sua análise ética do misticismo provém das duas espécies: do mal e do bem. A primeira dessas é caracterizada pelo mundo das aparências, mundano e inferior. E a outra se qualifica como o mundo místico e superior, identificado como a Realidade. Comparáveis ao mundo das ideias de Platão, a Realidade remete onde a perfeição vive acima, assim como as ideias perfeitas, e é apenas reproduzida ao mundo inferior. A subjetividade da Realidade abstrata firma características do bem e da perfeição. No entanto, o gênero inferior e mundano colhe atributos do mal, posto

que o subjetivo seja capaz de senti-lo a sensação contrária do que se sente quanto ao bem (RUSSELL, 1957).

Dentro do misticismo, é pressuposto à força maior de que tudo tenha que mostrar certeza e beleza, pois pregam que toda Realidade é boa, assim prospectam uma idealização de um mundo superior e desejável. Em consequência, a natureza mística caracteriza que todo mal que existe no mundo é coagido à ilusão, assim muitas vezes como o bem pode ser coagido. Já para as pessoas, podem-se haver interferências quanto a esta informação, ao considerar nem todas as coisas como certas. A relatividade entre certo e errado nas ações humanas concebe uma grande questão moral do que é dito pelo místico ou o que é feito pelos humanos (RUSSELL, 1957).

Por tanto, uma contemplação imparcial, livre de toda preocupação com o Ego, não julgará as coisas boas ou más, embora isto possa com muita facilidade combinar-se com o sentimento de amor universal que leva o místico a dizer que todo o mundo é bom. (RUSSELL, 1957, p. 37).

Russell averigua a analogia do bem e mal sobre a perspectiva de Heráclito e Spinoza. Pelo ponto de vista heraclitano, o bem e o mal são apenas um só. Diferenciando-se na definição do bem, Spinoza utiliza a palavra “perfeição” ao empregar o conceito do bem advindo de algo místico. Mesmo a tais circunstâncias, a natureza da perfeição sempre estará relacionada à realidade, enquanto o bem serve de utilidade para a justificativa humana. Entende-se que nas leis místicas, não há transmutação de um desígnio como bem ou mal, mas para as pessoas na Terra, conseguem-se descaracterizar certas ações ao distorcer as características boas ou más (RUSSELL, 1957).

Embora se necessite entender a atitude ética mística para distinguir a relatividade do bem, para a humanidade, suas ações podem definir o caráter justificável de quão perfeito sua necessidade fora. Para que os humanos justifiquem sua consciência de acordo com seus atos e normalizam suas ações levando em conta suas necessidades pessoais, acabam relativizando o valor ético, considerando que o bem pode ser transitivo para melhor poupar consequências. Ainda que o bem seja condicional para a humanidade, Russell segue a linha de Spinoza ao entender o bem como “saber com certeza” (RUSSELL, 1957).

Segundo o autor (1957) “o otimismo e o pessimismo, como filosofias cósmicas, revelam o mesmo humanismo ingênuo”. Entre a decorrência da humanidade em se submeter a decisões da vida há sempre as duas escolhas que se pode seguir. Não há uma intermediação, a não ser decidir-se entre o caminho do bem e o caminho do mal. Russell aconselha pelo menos escolher entre o melhor ou o pior dos caminhos. Já o misticismo prega que ao discernir entre ambos, está fazendo parte do mundo da ilusão, pois assim deixa sua imparcialidade obstinada à sujeição e toma um lado, desafiando as doutrinas cristãs em que o mesmo não segue os preceitos contemplativos que a religião antepõe.

A imparcialidade entre o dualismo ético é ilusório se considerar uma perspectiva contemplativa monótona, sem que haja uma impulsividade efervescente. Se tal percepção mudar de ponto de vista, despertariam a considerar o bem superior a todos. Tamanha bondade espalhada pelo mundo todo acarretaria em uma homogeneidade felicidade, amor e alegria universal. Assim como afirma Russell:

A possibilidade deste amor e alegria universais em tudo que existe é de suprema importância para a orientação e a felicidade da vida, e comunica inestimável valor à emoção mística, à parte quaisquer credos que sobre ela se venham a construir. Mas para que não nos deixemos levar a crenças falsas; é necessário perceber exatamente o que a emoção mística revela. (RUSSELL, 1957, p.37).

Como deveria este bem maior ser pertencente à realidade da Terra, além da realidade mística, assim facilitaria as formas de vivência sem que esperasse a chegar uma vida eterna para obtê-la. Com isso, conclui-se de que os próprios princípios místicos “explicam e se justificam a atitude dúplice e a aparente vacilação do misticismo” (RUSSELL, 1957, p. 36-37). Russell obtém grandes argumentos acerca da própria incompetência que a religião oscila a provar de sua veracidade como absoluta. E esta certamente é uma de suas argumentações mais indesejadas aos fiéis, que ao se questionarem sobre a bondade superior, contesta com a realidade de todo o sofrimento vivenciado na Terra enquanto assume seus pecados na experiência mundana (RUSSELL, 1957).

Ainda que a substancialidade das coisas não fomente a felicidade e perfeição dos sentidos em suma, Russell condiz que são apenas as próprias emoções humanas que acarretam tal proporção de sentimentos, sejam elas sensações boas

ou não. Nunca incomodariam em analisar uma ação de cunho bom ou mau se não se importa realmente com a mesma, levando assim, a lógica mística em consideração, consegue-se afirmar que todo mundo é bom. A filosofia refuta sobre a ideologia do bem e do mal e a crença mística na bondade de tudo através da noção do progresso, pois a evolução filosófica se junta ao dualismo ético do pior e do melhor, assim como foi orientado pelo autor (RUSSELL, 1957).

5 O MÉTODO CIENTÍFICO COMO FORMA DE EXALTAÇÃO FILOSÓFICA

Da mesma forma, é de tamanha precisão analisar as considerações lógicas da ambiguidade entre a ciência e a filosofia. Russell, como matemático além de filósofo aborda essa adversidade entre ambas, assim caracteriza a lógica formal análoga à matemática. Mesmo que ambas tornaram-se grandes oprimidas dos princípios místicos, não se pode considerá-las permanentes congêneres. Dado que a filosofia submeteu-se aos dogmas oprimentes enquanto o período Médio, a ciência já não pôde existir pela tirânica gestão cristã. É certo que tendo em conta a dominação filosófica, “originalmente, a ciência viu-se enredada em motivos semelhantes, o que sobremaneira prejudicou o seu avanço” (RUSSELL, 1957, p. 112).

Em vista da filosofia, é pertinente atentar que esta pode estar sempre comprometida com base nos impulsos místicos ou lógicos. Ao contemplar os filósofos científicos que, sobretudo, extraíram seus fundamentos através da ciência, preocupam-se em investigar uma sobriedade a partir das questões filosóficas. Já em relação aos filósofos que advém dos assuntos éticos ou até mesmo da religião, trata de pontuar conceitos mais transcendentais em busca da evolução. Pode-se encontrar também um grupo que se refere a ambos os estímulos filosóficos, tanto evolucionistas como lógicos, acreditam que “a ciência e a moral seriam unidas em frutífero e indissolúvel matrimônio” (RUSSELL, 1957, p. 112).

Há uma “oposição entre uma filosofia guiada pelo método científico e outra dominada por ideias religiosas e éticas” (RUSSELL, 1957, p. 112) que debatem sobre o discernimento universal. O que contrasta fortemente suas diretrizes de estudo, e em decorrência pode acarretar na refutação de uma linha de raciocínio a fim de certificar a de outro ponto de vista antagônico. Além disso, a expectativa

acerca dos escritos filosóficos e suas vertentes volta-se para a complementação de uma ânsia humana em satisfazer um mistério entre esperança e ceticismo que os reprimem.

Segundo Russell (1957) “se as noções de universo e do bem e do mal forem removidas da filosofia científica, talvez caiba perguntar que problemas específicos restam para o filósofo, vis-à-vis o cientista?” E é com esta indagação que Russell apresenta uma observação quanto às expectativas filosóficas e considera:

Uma proposição filosófica deve ser geral. Não deve tratar especialmente de coisas na superfície da terra, ou do sistema solar, ou de qualquer outra parte do espaço e do tempo. É esta necessidade de generalidade que levou à crença de que a filosofia trata do universo como um todo. Não creio que se justifique essa crença, mas acredito que uma proposição filosófica deve ser aplicável a tudo quanto exista ou possa existir (RUSSELL, 1957, p. 124).

A filosofia que desejo advogar pode ser chamada tomismo lógico ou pluralismo absoluto porque, embora mantendo que há muitas coisas, nega que haja um todo composto dessas coisas. Veremos, portanto, que as proposições filosóficas, em vez de se ocuparem do conjunto das coisas, ocupam-se de todas as coisas distributivamente (RUSSELL, 1957, p.125).

Com isso, Russell aborda sua suposição filosófica ao evidenciar que ao utilizar da filosofia proposital como argumento, manifesta-se que “a filosofia é a ciência do possível” (RUSSELL, 1957, p. 125), mesmo que sejam indistinguíveis. E assim sendo, não consegue refutá-la ou aprová-la com base em fundamentos experimentais. Tendo em vista que seja válido considerar a ciência, do mesmo modo como o misticismo, opressora da filosofia, mesmo que este argumento ainda repercute muitos debates. Por mais que, como visto na Idade Média, a ciência fora negada e a filosofia subjugada aos moldes cristãos, não se pode compará-las análogas. Como refere o autor (1957) “a filosofia torna-se então indistinguível da lógica no sentido em que esta palavra é hoje empregada”.

Segundo Russell (1977) “a filosofia, conforme entendo a palavra, é algo intermediário entre a teologia e a ciência”. Sabe-se da grande rivalidade que permeia o mundo científico e o filosófico. Faz um tempo em que o contraste de opostos entre o misticismo e a lógica abriu espaço para mais uma vertente em que transita entre ambos: a filosofia. Talvez seja considerável que a filosofia e a ciência unem forças, visto que perante o misticismo são os rumos mais próximos. Embora a

distinção entre ciência e filosofia possa trazer intensos confrontos. Como cita o autor:

A filosofia, na época em que era ainda gorda e próspera, afirmara prestar, aos seus devotos, muito e importantes serviços. Oferecia-lhes consolo na adversidade, explicação nas dificuldades intelectuais e orientação nas perplexidades morais. [...] Esses tempos felizes, porém, já passaram. A filosofia, devido às lentas vitórias de sua própria progênie, viu-se obrigada a abandonar, uma por uma, as suas altas pretensões. As dificuldades intelectuais em sua maior parte, ficaram a cargo da ciência; as ansiosas reivindicações da filosofia, quanto a umas poucas questões excepcionais que ainda se esforçam por responder, são encaradas, por quase toda a gente, como remanescentes da era do obscurantismo e estão sendo transferidas, com toda a rapidez, para a rígida ciência (RUSSELL, 1957, p. 57).

Embora que, considerar um método de análise entre a filosofia e a ciência como aliadas ao processo de investigação pode ser um caminho positivo ao curso filosófico em promover um discurso mais amplo e progressivo. Russell disserta sobre o método estático que vinha sendo utilizado pela filosofia em que “cada filósofo original tinha de atacar o trabalho desde o começo, sem poder aceitar nada de definido da obra dos antecessores” (RUSSELL, 1957, p. 127). O autor propõe uma reflexão embasada na concepção dinâmica da filosofia científica:

A filosofia científica como a que desejo recomendar será minuciosa e tentativa como as outras ciências; acima de tudo, será capaz de inventar hipóteses que, mesmo que não sejam totalmente verdadeiras, continuarão frutificando após feitas as necessárias correções. Mais do que qualquer outra coisa, esta possibilidade de aproximações sucessivas à verdade é a fonte dos triunfos da ciência, e transferir essa possibilidade à filosofia é garantir um progresso no método cuja importância seria impossível exagerar (RUSSELL, 1957, p. 127).

A abstração de Russell para que a filosofia contemple seu período jubiloso de forma plena, sem acabar submetida a um impulso ideológico, é desenvolver a lógica matemática em que se admita ‘inteiramente a importância das relações, e então fundar sobre esta base segura uma nova lógica filosófica (RUSSELL, 1957, p. 110). Ao consagrar este feito com triunfo, espera-se com veemência “que o futuro próximo seja época tão grande na filosofia pura” (RUSSELL, 1957, p. 110). O pensamento russelliano espera o grande triunfo filosófico com alicerce em sua libertação autêntica a partir de uma profunda esperança de sua geração.

Compelir para uma filosofia pura e soberana pode advir benefícios de uma libertação humana de pensamento e a manifestação declarada da filosofia como em seus grandes tempos como na Grécia Antiga. Assim, compete a evidenciação e reparação das submissões cristãs em detrimento ao campo científico e filosófico, a fim de progredir com uma geração plena de liberdade intelectual e de desenvolvimento humano. Cabem aos futuros pesquisadores, futuros cientistas e filósofos que contribuam com a evolução educacional e racional. Tanto aos futuros religiosos, que permaneçam sua fé, sem refutações ilógicas e doutrinações repressoras sob a natureza humana.

REFERÊNCIAS

DO VALLE, J. C. A. Ciência, misticismo e educação: uma análise russelliana da pretensa neutralidade da matemática frente à religião. **Horizontes**, v. 34, n. 1, p. 21-32, 2016. Doi: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v34i1.334>.

JUNKES, J. D.. Russell e a ética entre os séculos XIX E XX: a ética e a sua crítica ao homem bom. **Revista Maiêutica: Sociologia e Filosofia**, Indaial, v. 1, n. 01, p. 41-46, 2018. Disponível em: https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/FST_EaD/article/download/1881/933.

RUSSELL, B. **A filosofia entre a religião e a ciência**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1977.

RUSSELL, B. **Misticismo e lógica**. Tradução: Wilson Velloso. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957. v. 22.

RUSSELL, B. **Por que não sou cristão**: e outros ensaios sobre religião e assuntos correlatos. Tradução: Brenno Silveira. [S. l.]: Livraria Exposição do Livro, 1972.

Artigo recebido em: 13/01/2021

Artigo aprovado em: 25/02/2021

Artigo publicado em: 28/04/2021